

Novos horizontes para um Brasil melhor

(Especialmente para "TAPEJARA")

Maria Helena Castro de Souza Oliveira

Somos obrigados a crer na afirmativa que diz que todo o material que adotamos, na construção de um "Estado de Unidade Nacional", não foi profícuo.

O Império não consolidou a nacionalidade; e nem mesmo a República chegou a realizar a civilização nacional, o que podemos constatar observando as crises financeiras, políticas, morais e religiosas, que persistem em pleno regime republicano.

O certo é que o declínio intelectual e a crise moral da sociedade não poderiam, é claro, facilitar uma sadia e unitária organização do País. Como edificar um Brasil capaz, se muitos brasileiros sofriam as agruras de um meio inhóspito, que abandonados a seu triste destino? O drama da gente sertaneja — eis o que revelaram com a volta de Canudos aqueles fanáticos brancos, e os corajosos do Vasa-Barris. E um grande homem surgiu para imortalizar essa luta sangrenta com a fulgore de sua mentalidade prodigiosa. Esse homem foi Euclides da Cunha.

O apêgo ao estrangeirismo tem prejudicado bastante o progresso do Brasil. Faz-se necessária uma observação conscienciosa para se notar o quanto de falso existe nesse mínimo esforço de se vir à custa alheia. É certo que muitas verdades de valor universal podem ser aprendidas através das concepções dos povos que as souberam compreender e praticar. Mas é errôneo apegar-se religiosamente ao proceder de outrem. Cada país tem suas peculiaridades que lhe conferem feição própria. Por que não procuramos conservar a parte lóvel dessa gloriosa tradição que herdamos dos nossos antepassados?

Sempre nos preocupamos com a cultura estrangeira. Nossos artistas se baseiam em modelos expostos nos museus da Europa. E a arte inspirada e primitiva dos indígenas e caboclos, a verdadeira arte do Brasil, era aproveitada apenas pelos meticulosos estrangeiros, que aqui vieram ter em busca de motivo. Por que fugirmos da realidade? É preciso que a conheçamos para adotar medidas adaptáveis à natureza do meio em que vivemos. É porisso que admiro a coragem de Euclides ao traçar em firmes e nítidos detalhes o drama do sertanejo. Ele foi realmente estudioso devotado (e não temeu em escrever sinceramente a verdadeira história do homem brasileiro. "Os Sertões" — obra magistral de tocante realismo, que vale por um documentário científico. Vêm-me a propósito à mente estas palavras de Guilherme de Almeida: "Na lógica irredutível do 'nihil in intellectu quod non primus in sensu', foram os bandeirantes o sentimento do sertão".

Foi surpreendentemente considerável a influência que o novo meio exerceu sobre a mentalidade dos colonizadores lusos. E, como disse Calmon primus in sensu, foram os bandeirantes o uniram-se às gentias e se indianizaram quasi que completamente". Dessa união nasceram os mamelucos, os mestiços. É certo que do pai branco herdaram traços do psiquismo das raças civilizadas, mas eram verdadeiros brasileiros; o tupi foi a língua que aprenderam desde muito novos e a mãe cabocla ensinou-lhes seu modo de vida; conheceram os segredos da floresta, lutavam com feras, combatiam de arco e flecha, à semelhança dos índios. Donde podemos concluir que já se evidenciavam as peculiaridades do homem americano, embora não se possa dizer que as influências européias deixassem de atuar de modo completo.

O ideal de liberdade dos incondentes, que preparou o grande e decisivo movimento da Independência, é bem a expressão do psiquismo do novo homem que nasceu na América.

Dos elementos alienígenas, que aqui vieram ter, temos, além do negro, que encontrou no Brasil clima semelhante ao da costa africana, emigrantes estrangeiros de várias nacionalidades. Recebemos verdadeiras correntes emigratórias e "realizamos no maravilhoso laboratório da vida nacional, o casamento das raças." Sobre esse assunto veem a calhar estas considerações feitas por Ronald de Carvalho: "do estudo do nosso meio étnico, verificaremos que houve no Brasil dois períodos distintos de formação: a) — o que se estende do século XVI ao fim do século XVIII, no qual os cruzamentos se deram entre portugueses e índios (mamelucos), portugueses e negros (mulatos), e, finalmente, índios e negros (cafusos); b) — o que partindo do século XIX vem até a época presente, na qual os cruzamentos são muito mais complexos e intrincados, devido à emigração de novos elementos europeus, e em parte à paralisação do tráfico de africanos."

Tudo nos faz concluir que, sendo a América o receptáculo de imigrações sucessivas, é necessário, para organizarmos a "Unidade Nacional", abolirmos esse falso preconceito de raça criado por apressadas concepções etnológicas e que tanto mal têm causado à humanidade.

Como afirmarmos que o negro é um degenerado, se ele foi elemento ativo em nosso progresso material e em nossa cultura? Finot, com toda sua

responsabilidade científica, positivou "que os brancos alemães, em quarenta anos, haviam feito muito menos progresso que os negros americanos depois da guerra da secessão."

O que nos deve interessar para constituição da nacionalidade é o fator humano. Não se tratam aqui de classificações raciais embora a contribuição de todas as raças seja elemento atraente na formação de uma nacionalidade.

É preciso abolirmos do nosso pensamento a noção errônea de que há raças superiores. E Alberto Torres já nos deixou escrito: "Duas idênticas capitais devem dominar o espírito na solução deste problema — a de que não há raças superiores, em absoluto, e a de que a raça, ou represente um ramo original da espécie humana, como pretendem os poligenistas, ou represente uma variante produzida, na evolução da espécie em período retroto, só se pode explicar como efeito de fatores fisiológicos, e acidentalmente do clima." E, como disse Mota Filho: "a própria Europa, hoje em dia, depois da guerra de 1914, procura fugir desse rotulário étnico, tanto mais quanto se torna ameaçadora a ofensiva do Oriente, pelo bolchevismo na política, com a teosofia na religião, com individualismo na moral".

A campanha contra a mestiçagem foi notória. E o mestiço foi taxado de indolente, doentio, vencido por constante fadiga intelectual. Nada mais falso. Hoje em dia a ciência tem procurado abandonar esses supostos estigmas de degenerescência. E assim terá que proceder sempre, se quiser traçar a toda a humanidade os verdadeiros caminhos a seguir para seu aperfeiçoamento.

É preciso que saibamos combater a tendência maléfica de menosprezarmos o que é nosso. O brasileiro, para muitos, é um eterno depauperado. É verdade que sofremos todas as consequências de uma sociedade formada por elementos vindos de outras terras. Somos povo que ainda não encontrou as verdadeiras bases para uma sólida adaptação ao meio. A vida brasileira não está completamente organizada. Mas também há exagero nessas concepções pessimistas que nos dão idéia de que somos portadores de deficiências étnicas. O brasileiro poderá melhorar se encontrar meios para educação e cultura das massas. Sim, porque os sinais de depauperamento notados são decorrentes da falta de agentes que favoreçam a harmonia do homem com o ambiente em que vive; falta de hi-

giene e de alimentação; precariedade de instrução e de educação. Muito podemos esperar, entretanto, da nossa gente corajosa que soube defender os seus direitos nas várias ocasiões em que eles se viram ameaçados pela cobiça estrangeira.

Pensemos bem no que somos na constituição da nacionalidade: indivíduos egocêntricos que se deixam vencer pela simples barreira de um preconceito racial e de pretensos atributos de degenerescência, ou que vêm muito mais longe, compreendendo a poderosa elo que deve unir os componentes de um país? E se refletirmos melhor por certo chegaremos a concluir que a redenção do homem decaído é destinada a toda a humanidade, pobres e ricos, pretos e brancos, nobres e plebeus, sem distinção de raça, de meio e de cor.

Tenhamos um olhar de simpatia para os que convivem conosco na grande família humana da comunidade, esperando que cada qual seja elemento ativo para o progresso de todos. Saibamos alimentar no coração esse belíssimo sentimento de amor ao próximo grandioso e compreensivo, tão bem concretizado por Cristo em suas parábolas do bom samaritano e do servo cruel. Saibamos adotar um patriotismo sadio que coloque Deus acima de tudo para depois considerar a pátria, não somente figurada no solo em que vivemos, mas também na estreita relação dos que habitam esse solo. Com moral cristã, procuremos sanar os males que afetam a sociedade. Como disse Ruy Barbosa: "Os homens não inventaram, antes adulteraram a fraternidade, de que Cristo lhes dera a fórmula sublime, ensinando-os a se amarem uns aos outros: 'Diliges proximum tuum sicut te ipsum'".

Tenhamos fé no futuro da nossa Pátria. Procuremos obter luzes para agir com sabedoria e não aceitemos hábitos e idéias sem nos certificarmos do grau de sua veracidade.

Amemos a virtude, pois qual o valor da inteligência sem essa força prodigiosa que nos leva às paragens eternas onde somos realmente felizes? De que adianta para um povo somente o progresso material? Estamos bastante cientes da situação de declínio da atualidade para considerar a matéria superior ao espírito.

Tenhamos otimismo para alimentar a confortadora esperança de um Brasil crente, forte e unido, radiosa estrela na constelação das nações civilizadas.

Casa Branca, 30 de março de 1952.